

## O projeto existencial grego.

Procurarei elaborar no curso da presente conferência o significado que o termo "grego" tem no contexto da nossa situação, e mais especialmente no contexto da nossa vivência da arte. Como primeira aproximação de uma definição direi que o termo "grego" designa uma cultura que tinha por palco partes das terras mediterrâneas, e por época o milênio entre 800 antes e 200 depois de Cristo. Trata-se portanto de definir uma cultura. Na conferência passada recorri ao termo "cultura" para designar o conjunto daqueles objetos que encontro ao meu redor e que revelam, quando apalpados, a manipulação humana. Temos experiência de várias culturas diferentes. Em outras palavras: em nosso esforço de apreender os objetos que nos cercam verificamos que alguns entre eles foram manipulados de maneiras diferentes. Culturas são pois maneiras de manipular objetos. Dissemos que o homem manipula a fim de libertar-se da situação que o cerca. Culturas são maneiras como o homem se liberta da situação que o cerca. Dissemos que o homem se liberta da sua situação ao projetar-se contra ela. Culturas são maneiras como o homem se projeta. Culturas são projetos de acordo com os quais o homem se projeta contra a sua situação para apreende-la, compreende-la e manipula-la. Os objetos de cultura, (as obras de arte), são realizações desses projetos. Utilizarei portanto o termo "cultura" com um significado um pouco mais amplo que na conferência passada. Na conferência passada designei por "cultura" o conjunto de objetos manipulados de certa maneira. Hoje designarei por "cultura" a maneira mesma, isto é o projeto que realizou esses objetos.

Disse portanto que cultura é a maneira como o homem apreende, compreende e manipula a situação dentro da qual se encontra. Resumindo esta definição, posso dizer que cultura é a maneira como me encontro. Ao me encontrar, encontro-me de certa maneira; isto é dentro de um determinado projeto chamado "cultura". O meu mundo se me apresenta como se apresenta de maneira pré-figurada, chamada "cultura", e eu mesmo me encontro a mim mesmo como me encontro, dessa maneira pré-figurada. Tudo que faço ao projetar-me contra o meu mundo, desde o meu gesto mais corriqueiro até o meu ato mais decisivo, é, de certa maneira, pré-figurado pela cultura na qual me encontro. A minha cultura é meu projeto, e a minha vida é uma realização desse projeto. Ao viver não faço mais que procurar realizar uma ou mais virtualidades contidas no projeto da minha cultura. Culturas se distinguem pela estrutura e pela riqueza de virtualidades que oferecem à realização pelas existências que delas participam. Há culturas relativamente fechadas, isto é oferecem poucas vias de realização às existências nelas empenhadas. São as chamadas culturas primitivas. Nelas a existência pode apreender, compreender e manipular o seu mundo de maneiras pouco numerosas, portanto de maneiras que tendem a serem rígidas e tradicionalistas. E há culturas relativamente complexas, isto é oferecem numerosas vias de realização aos que delas participam. Nessas culturas o mundo pode ser apreendido, compreendido e manipulado de muitas maneiras, e este pluralismo permite escolha, portanto liberdade em certo sentido. Mas essas escolhas é pré-figurada pela estrutura da cultura; e a diferença entre culturas complexas, como o é a nossa civilização, e culturas primitivas é apenas quantitativa. Também na nossa cultura o número de projetos existenciais é limitado e pode ser exaurido pela realização progressiva. É verdade que a nossa civilização oferece um número relativamente grande de oportunidades. Mas é igualmente verdade que a realização da nossa civilização como projeto progride vertiginosamente. Estamos nos aproximando por

tanto de um estágio de rigidez e tradicionalismo comparável ao estágio no qual se encontram as culturas chamadas primitivas. Com efeito, culturas primitivas são projetos altamente realizados. É por isto que para eles o tempo pára, e estes projetos deixam de ser históricos no nosso significado do termo. Nada mais acontece a não ser uma repetição eterna de gestos pré-figurados, chamados ritos. Culturas podem ser portanto concebidas como ciclos. Há um estágio primordial, no qual a cultura se desfecha. Nesse estágio a existência se encontra em situação de virtualidades a serem realizadas pelo projeto desfechante. Há um estágio de realização, no qual a cultura se desfralda. Nesse estágio a existência se encontra em situação de realização progressiva. E há um estágio escatológico, no qual a cultura se acha realizada. Nesse estágio a existência se acha em situação perfeita, isto é paradisíaca em certo sentido. Tudo já foi feito, e resta apenas a repetição eterna, isto é o rito. Neste sentido as culturas primitivas vivem no paraíso. A nossa civilização está se aproximando de terceiro estágio, portanto do paraíso, da vida ritualizada, do tédio da perfeição, do primitivismo. A nossa preocupação com os gregos é sintoma da nossa consciência desse fato.

A cultura grega, como projeto existencial específico, pode ser encarada como tendo percorrido os tres estágios enumerados. É o que procurarei fazer nas tres conferências futuras. O primeiro estágio corresponde a o que chamamos de "arcaico", o segundo a o que chamamos de "clássico", e o terceiro a o que chamamos de "helenismo". O presente curso procurará elaborar esses tres estágios no seu aspecto manipulador, isto é nas respectivas obras de arte. Mas a cultura grega pode ser encarada também como uma das origens da nossa cultura. A nossa cultura seria relativamente complexa, porque resultado de uma superação dialectica de duas culturas em estágio avançado de ritualização, a saber da judia e grega. A contemplação da cultura grega seria a contemplação da fase original da nossa cultura, com a meta confessa ou inconfessa de evitar a sua passagem para o estágio de perfeição derradeira. É este ponto de vista que pretende assumir hoje.

Lisse que há um estágio no qual a cultura se desfecha. Procurarei elaborar um pouco melhor esta afirmativa. A cultura é uma maneira pela qual existencias se realizam. Ao desfechar-se, a cultura estabelece a situação na qual existencias podem realizar-se. Ao desfechar-se, em outras palavras, a cultura estabelece um mundo. O desfecho de uma cultura é um mundo. A origem de uma cultura é a criação de um mundo. Este ato criador de um mundo que é o desfecho de uma cultura é a revelação do até então encoberto. A cultura, ao desfechar-se, revela para as existencias que dela participam o encoberto na forma de um mundo. O mundo é a maneira como a cultura revela o encoberto, e neste sentido o mundo é uma criação da cultura. Nesse ato revelador e criador o mundo aparece. É contra o mundo com forme revelado pelo ato desfechante da cultura que a existência é chamada a prejetar-se. Este ato desfechante é um ato de articulação chamado "mito". A cultura desfecha o mundo, ao desfechar-se, e esse ato é uma articulação mítica, uma revelação articulada. A mitologia é o estudo dos mitos de uma cultura como articulação do projeto existencial original que é essa cultura. Os mitos contêm, em forma densa e poética, todas as virtualidades a serem realizadas pela cultura. A crítica e análise de mitos pode explicitar as potencialidades dormentes no projeto que é a cultura. A história de uma cultura é o desfraldar das potencialidades articuladas nos seus mitos. Considerarei pois com esta finalidade os mitos dos gregos.

Há uma dificuldade inicial que deve confessar aos senhores. Os mitos gregos não revelam um, mas dois mundos. A dramaticidade inerente à cultura grega pode talvez ser explicada por essa dualidade. Chamarei a primeira revelação de olímpica, a segunda de órfica, e tratarei delas separadamente, para depois tentar de sintetizá-las nas conferências futuras. A revelação olímpica revela um mundo que é um animal gigantesco. Esse organismo cósmico move-se em obediência a uma lei moral e causal, chamada "ananké" (necessidade). Essa lei determina o lugar certo justo de toda parte do mundo. O lugar certo da pedra é o chão, e as pedras caem portanto por necessidade. O lugar justo do pássaro é o ninho, e os passaros voam para lá por necessidade. A necessidade reconduz todas as coisas para o seu lugar certo e justo. Este reconduzir é a justiça, e o abandono do lugar justo é crime que provoca vingança. O animal cósmico respira. O seu hálito é chamado "pneuma". Todo órgão desse organismo participa do hálito, isto é vive. Esta vida particularizada é chamada "psyché". Nada existe de inorgânico, já que toda montanha, todo rio, toda pedra, tem sua psyche, sua ninfa, seu deus. Mas há também como que um cérebro do animal cósmico, que são os deuses do Olimpo. Estes dirigem o corpo do mundo. Todo deus individual dirige um órgão determinado do mundo: Hélios o sol, Poseidon o mar, Hefaistos o fogo. Mas todo deus individual pode influir sobre o mundo todo, e neste sentido todo deus dirige o mundo inteiro sob certo aspecto: Athene sob o aspecto da razão, Appolon da harmonia, Aphrodite da fertilidade, Asres da dialética do seu metabolismo, e Zeus como foco de todos os aspectos, que é justamente o aspecto da justiça. O homem, como órgão do mundo, está sujeito à necessidade e governado pelos deuses que administram a necessidade. Mas como organismo que é, é o homem uma cópia em miniatura do mundo. É um microcosmos, e como tal "metron panton" (medida de tudo). Conhecendo-se a si mesmo, (gnoti seauton), conhecerá de certa forma tudo. Nesse ato de conhecimento vivencia a necessidade como algo que o empurra, (moira), e como algo que o arrasta (tyche). Entre estas duas forças temíveis, entre causalidade e entelechia, situa-se o espaço precário das decisões humanas. Na procura vã e prometética de alargar esse espaço reside a tragédia e a beleza da condição humana. Essa procura provoca, por necessidade, a justiça, isto é a vingança e a inveja dos deuses. Essa tentativa é orgulho (hubris), e o homem que nela se empenha é um herói (heros). Nesse empenho heroico apreende, compreende e manipula as coisas do mundo, (es phainomena), já que forma a respeito delas opiniões (dixa), para subjuga-las. A arte (techné) é o gesto do orgulho. O mito de Prometeu préfigura esse empenho e o seu castigo por necessidade. O homem como manipulador, isto é como artista, é um rebelde heroico contra a necessidade, cria beleza nesse seu empenho, e é ultimamente derrotado, e as aves rapinas da necessidade devoram o seu fígado eternamente. Nessa sua decisão orgulhosa o homem supera de certa forma os próprios deuses, já que estes estão sujeitos sempre à necessidade. Mas ao superar os deuses, é derrotado. E há mais: na sua decisão orgulhosa de projetar-se contra os fenômenos torna-se o homem vítima das suas opiniões, está portanto enganado. Tudo que apreende e compreende é falso. O artista, o herói, o homem empenhado na manipulação, é não apenas criminoso e derrotado, mas ainda enganado. Mas em toda essa sua tragédia é belo. Há, no entanto, uma segunda possibilidade. O homem não se rebela, mas procura adequar-se à necessidade. Pode negociar com os deuses, sacrificar-lhes certas coisas para obter outras em troca. É o que se chama virtude ou piedade (arete). Nessa atitude de submissão razoável e calculada o homem adquire o verdadeiro conhecimento

da lei que governa o mundo. Esse conhecimento, essa sabedoria se chama "sophia". O amante da sabedoria, "philosephos", é o anti\_herói, o anti\_artista, é o homem virtuoso.

A segunda revelação, os mitos érficos, revela um mundo que é um "mysterion" um segredo. Há uma figura central, Orpheus, cantor, sacerdote e rei da Thracia, portador de uma região limítrofe quase não grega. Orpheus proporciona ao homem os meios de decifrar o segredo que é o mundo e alcançar a imortalidade. O mundo, conforme aparece aos olhos do não iniciado ao seu mistério, é um amontoado caótico de forças inimigas. Pan, o deus terrível de pés de cabra, habita as suas florestas e espalha medo pânico por onde aparece. Com sua flauta, a seringa, seduz os homens para o abismo da morte. Dionysios, filho de Appolon e de Rhyhymnia, (portanto o missário do mundo olímpico no mundo do orfismo), procura penetrar a harmonia da flauta e domina-la. Nessa tentativa, no entanto, Dionysios é morto. Com efeito, é morto repetidas vezes, mas sempre ressuscita. É "dithyrambos", o duas vezes nascido. Com Perséfone gera um filho, Zagreus, que é uma espécie de sua própria re-encarnação, para assim continuar a luta libertadora. Mas a criança, Zagreus, é comida viva pelas titãs, as forças caóticas do mundo. Os titãs são mortos por um raio e reduzidos a cinzas. Dessas cinzas surgem os homens. Estes contêm portanto uma parte caótica e má, (a titânica), e uma parte divina (a parte dionisiaca, já que os titãs tinham comido Zagreus antes de serem mortos). Os homens devem purificar-se da sua parte titânica, e podem alcançar essa purificação (katharsis), pela reencarnação contínua (kyklos tés genéseos). Percorrido o ciclo das gerações os homens se tornam Dionysios, tornam-se divinos. Mas, uma vez reabsorvidos os homens, o ciclo recomeça. Dionysios é novamente morto, Zagreus devorado, os titãs reduzidos a cinzas, os homens produzidos, e assim ad infinitum.

Foi para quebrar este ciclo nefasto e desesperado que gira de morte para morte, é que Dionysios resolveu incarnar-se em homem. Assim surgiu Orpheus, o salvador (soter), para ensinar aos homens o caminho da salvação e da vida. Este homem deus tem o dom mágico da arte, já que descende, sendo encarnação de Dionysios, de Appolon e das Musas. Com esse dom musical vence a natureza. Os animais e as pedras choram ao ouvir seu canto. Mas por detrás da natureza vence a própria necessidade. As Erinnias enraivecidas o deixam passar pela porta da própria morte. Do reino do além salva a sua mulher, Euridyke. Algo de misterioso acontece, no entanto, e Euridyke se perde novamente. Voltando do reino do além, Orpheus não consegue mais livrar-se do fascínio dos mistérios que viu. Despreza o amor das mulheres terrenas por amor a Euridyke. Essas mulheres da Thracia, enciumadas, rasgam Orpheus vivo e o devoram. Aí acontece o milagre. Orpheus, o artista, o filho das Musas, o homem-deus, que prefere o amor (eros) transcendente ao amor imanente, salva, ao ser sacrificado, as mulheres terrestres. Por terem rasgado o deus vivo, (orgia), por terem participado da sua carne e de seu sangue, (enthusiasmos), são as mulheres salvas da reencarnação, e alcançam a imortalidade. O ciclo nefasto das gerações foi quebrado. Orpheus é o salvador (soter) da humanidade, por ter desvendado o além pelo amor, portanto a verdade (aletheia).

Este grupo de mitos, já por si confusos, é ainda complicado pela incursão contínua de mitos olímpicos no seu conjunto. Com base nestes mitos, e de mitos como o de Hermes, Demeter e Kore, surgiram os mistérios como os eleusínicos a formular o projeto existencial grego. Nestes mistérios representava o bode, como encarnação de Pan, o segredo do mundo aparente. Esse bode, uma espécie de agnus dei invertido,

era orgiasticamente rasgado vivo e entusiasticamente devorada pelos iniciados. Era o rasgar do veu da aparência para que se revele o puro ser que é o amor (eros). Esse puro ser se apresentava aos iniciados intoxicados pelo sangue divino, (o vinho de Dionysios), como imagens eternas (eideias). O iniciado participava entusiasticamente dessas imagens, portanto da imortalidade, graças a sua parte divina órfica, que é música, isto é descendente das Musas. Graças à música vibrava o iniciado com as imagens, estava em "sympathia" com elas. Essa simpatia musical era a um tempo harmônica e matemática, e era portanto pela música e pela matemática que o iniciado participava da imortalidade. Em outras palavras: é pela manipulação disciplinada dos fenômenos que o iniciado alcançava a imortalidade. O homem se imortalizava enquanto artista.

Creio que fico dispensado da tarefa de demonstrar que os mitos que acabo de lhes contar de maneira tão resumida contêm uma parte das virtualidades que a nossa civilização está realizando. Esses mitos são e continuam sendo parte do nosso projeto. Parte das escolhas que a nossa cultura põe a nosso dispor como programas da nossa vida está contida nos mitos que acabo de contar-lhes. É por isto que somos uma conversação com os gregos. Mas o que procurarei elaborar como conclusão dessa conferência é o papel ambivalente que estes mitos atribuem à arte. Essa elaboração é necessária para a compreensão das obras de arte gregas. Essas obras são realizações dos mitos, e sua contemplação aqui e agora é significativa justamente por serem as obras gregas realizações de mitos ainda vigentes.

Na última conferência defini a arte como a tentativa frustrada de libertação do homem, que resulta na profanação da natureza. Aludi, talvez inconscientemente, ao mito prometeico ao formular a definição proposta. Os mitos judeus e gregos, ao terem desfechado a nossa cultura, estabeleceram um mundo no qual a atividade manipuladora do homem é uma atividade frustrada e criminosa, a não ser que se submeta a um princípio transcendente. Reformulando modernamente o que lhes quero comunicar direi que a arte é uma atividade frustrada e criminosa no mundo estabelecido por nossos mitos, a não ser que se engaja. Neste ponto concordam os mitos olímpicos e judeus; embora discordem quanto ao clima no qual o crime da arte é perpetrado. Para os mitos judeus a atividade artística é nojenta, como e é todo pecado. Para os mitos olímpicos a atividade artística é heróica, portanto bela. Mas os mitos órficos discordam. Para eles pode o homem enquanto artista vencer as cadeias da necessidade e penetrar o reino da imortalidade como ser liberto. Como vêm os senhores, arte e liberdade são dois conceitos intimamente entreligados no mundo estabelecido por nossos mitos. O mundo judeu e olímpico, sendo um mundo útero-rânico, coloca o homem em situação na qual a única liberdade autêntica é o serviço, ou, como diz Engels: liberdade é o conhecimento da necessidade. Nesse mundo a arte ou é serviço sacrificial, ou é crime. Em outras palavras: ou é engajada, ou é alienada. Mas o mundo órfico, sendo telúrico, coloca o homem em situação na qual a única liberdade autêntica é a negação ativa do chão do qual brotamos. Nesse mundo vale a arte como transformação da natureza, portanto como superação da natureza pelo espírito humano que se liberta. A multiplicidade dos mitos que desfecharam a nossa cultura torna essa cultura ambivalente, e esta ambivalência surge à medida que refletimos sobre os nossos conceitos da arte e da liberdade. Essa ambivalência torna tão flexível e tão frágil a nossa cultura.

A ambivalência face à arte pervade toda a especulação grega. Uma análise das fib

sofias gregas, a começar pelas pré\_socráticas, e a terminar pelas post\_helenistas revelaria, disto estou convencido, a luta do pensamento grego em sintetizar a sua herança olímpica com a órfica e formular uma estética e ética válida para ambas. No início da história da filosofia grega estão ainda quase nitidamente divididas as duas heranças, já que nos jônios prevalece o olimpismo, e nos pitagóricos o orfismo. Com Sócrates e Platão as duas correntes se fundem e se confundem para nunca mais se separarem, e continuam formando uma correnteza contraditória no fundamento do nosso próprio pensamento. O propósito do presente curso não é discutir a filosofia grega, mas a arte grega vista pela nossa filosofia. Mas é importante notar que as nossas dúvidas fundamentais quanto ao fenômeno artístico já se encontram no pensamento grego.

Essa nossa dúvida fundamental face à arte, uma dúvida tão intimamente ligada com os nossos conceitos de liberdade e necessidade, pode ser articulada nos termos "produção" e "imitação", "poiesis" e "mimesis" portanto. O artista manipula produzindo e imitando algo. Estes dois termos "poiesis" e "mimesis" formarão portanto o tema da próxima conferência, quando será discutida a arte arcaica grega. O que pretendo dizer hoje para concluir esta exposição é o seguinte: Os mitos gregos estabelecem um mundo pervadido por uma ordem, estabelecem portanto um cosmos. Essa ordem que pervade e informa o mundo é chamada "o verbo" (logos). Esse verbo passa a ser concebido como o supremo deus da filosofia helenista, e é quivalente do Nome Santo, (Hachem hacadoch) dos judeus. No cristianismo passa a ser a segunda pessoa da trindade. Essa qualidade lógica que caracteriza os mundos judeu e grego distingue a nossa cultura. Confere um caráter distinto à nossa atividade artística, no sentido de fazer com que seja uma atividade logicamente articuladora. O problema da "poiesis" e da "mimesis" é um problema logicamente analisável. A análise lógica em especial, e a filosofia da língua em geral, são portanto o tipo de reflexão que mais diretamente ataca as próprias raízes da nossa cultura, inclusive a nossa arte. Os nossos mitos dizem que o verbo, o nome santo, portanto o princípio articulador e lógico, fundamentam o nosso mundo. A arte enquanto "poiesis" é uma articulação neste sentido, e a arte enquanto "mimesis" é uma articulação secundária no mesmo sentido. É neste espírito linguístico, isto é lógico e refletivo do logos, que pretendo fazer ressurgir diante dos senhores as obras de arte dos gregos antigos. Consideremos pois, nas próximas conferências, aquela realização do logos que são as obras de arte gregas.